

## **OS BRASIS E A LINGUAGEM: A ORALIDADE ENQUANTO FONTE DE PRESERVAÇÃO NO SERTÃO NORDESTINO**

LETÍCIA CRUZ SILVA<sup>1</sup>

CECÍLIA COSTA BENEVIDES<sup>2</sup>

O presente estudo busca elucidar o exercício do pensamento no que se refere as relações políticas, econômicas, sociais e culturais que caracterizam a formação do sertão nordestino, destacando o papel da cultura negra, na construção de uma pluralidade de hábitos e crenças. Em relação a consolidação de práticas educacionais que ultrapassam o ambiente de sala de aula, é importante evidenciar, os processos histórico-sociais que caracterizam determinadas regiões; reconhecendo a diversidade linguística no Brasil colonial e sua influência sobre o português, destacamos neste estudo, a oralidade e conseqüentemente a literatura oral. É relevante compreender, que o meio em que se vive, corrobora diretamente para a formação dos indivíduos enquanto sujeitos ativos no mundo. Dessa maneira, entender a formação do dos sertões nordestinos e a participação ativa dos negros e indígenas neste processo, desnuda todo o processo de miscigenação que, relacionado ao ideário da educação popular, contribui para a sistematização de um arcabouço antropológico, que se dilui no regionalismo, nos processos de ensino-aprendizagem bem como nas práticas coletivas e individuais de cada comunidade.

### **INTRODUÇÃO**

O processo de colonização no Brasil, foi pautado em uma intensa

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus de Vitória da Conquista*. Brasil. Email: [leticiacruz3074@gmail.com](mailto:leticiacruz3074@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus de Vitória da Conquista*. Brasil.

# **"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"**

**XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA**

**VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA**

**VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.**

**VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

**I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO**

**CANTINHO DO GRIÔ**



exploração não apenas de recursos naturais, para a exportação, mas também social e cultural, marcado por uma intensa desumanização de negros africanos e indígenas nativos, desenvolvendo dessa forma no imaginário coletivo uma hierarquização de raças em que o colono determinava o nível de humanidade de tais povos e corpos através de sua cor; para Haslam (2006), a desumanização se refere a “[...] representar o outro como menos possuidor de traços exclusivamente humanos, aqueles que refletem socialização, moralidade, cultura, refinamento e aprendizagem.”

Dessa maneira, a estrutura da colônia se destacava por um paradoxo regional entre o litoral e o interior. O sistema de Plantation, e consequentemente a produção em larga escala pelos engenhos de cana de açúcar, destacavam os primórdios e uma nação exportadora. Em contraponto as regiões do interior, pautadas na produção interna, atividades de subsistência e agropecuária. Tal divergência regional, corroborou para um afastamento cultural entre as comunidades de tais espaços.

Tendo em vista tal fator, e tal relação paradoxal, o interior dos sertões nordestinos, se associava a estigmas como o cangaceirismo, o coronelismo, a pobreza e miséria, ausência de recursos, e terra de indomáveis. Assim, a obra “Os Sertões: espaços, tempos e movimentos”, em sua apresentação escrita por Tanya M. Pires e Suzana Cavani, destacam:

“Quanto à ideia do sertão como terra desabitada e inculta, data do período colonial. É própria dos agentes da metrópole que no século XVIII foram incumbidos de implantar a lei e a ordem do Império no interior do Brasil. Já a ideia de habitat de homens rústicos, violentos, indomáveis, analfabetos e sem a sociabilidade dos moradores das zonas litorâneas, tem sua origem nos embates travados inicialmente entre colonos e tapuias e logo em seguida entre os próprios colonizadores. Esta concepção acerca do sertão e dos sertanejos consolidou - se no século XIX, quando, principalmente no interior do Nordeste, foram agravadas as lutas entre os grupos sociais da região.”

Com base em tais fatores, no ideário social, as negativas referentes ao sertão, justificavam a ausência inicial de escravizados em tais regiões, sendo um risco, os imensos territórios e poucas autoridades. Entretanto, deve-se



compreender, que o processo de escravidão se relaciona a alguns pontos como: status social, dinheiro investido, e referência de valor para quem o possuísse. Dessa maneira, tendo em vista a consolidação das oligarquias e o coronelismo, a presença de famílias de elite no interior do país, eram comuns, assim, o processo de escravidão se estendeu de maneira efetiva ao sertão, consolidando relações de trabalhos, ofícios e profissões que requeriam confiança, por exemplo: Escravos vaqueiros; agricultores; domésticos. Representando assim, uma relação de subsistência e servidão aos senhores. Assim, Abreu (1988) destaca:

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram família para as fazendas, temporária ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, boladeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abastança."

"Trabalhos, ofícios ou profissões que requeriam confiança por parte do senhor contribuía para a conquista de vantagens por parte do escravo. Podemos pensar na criação de uma hierarquia de trabalhadores numa determinada fazenda: os escravos vaqueiros, os escravos agricultores, os escravos domésticos. Desse modo, é evidente uma diferenciação de funções que culmina numa diferenciação social enquanto posição ocupada." (ABREU, 2011, p. 52)

Destaca-se também na presença do negro na construção do nordeste, no que se refere a população negra foragida do litoral. Assim, as ações de revolta contra o sistema escravocrata, se diluem na sistematização do que posteriormente se consolidaria de fato como movimento social . Dessa maneira, o surgimento dos quilombos, tem como ponto principal, as unidades criadas pelos negros, como resistência, organização e luta pelo fim da escravidão. A migração para as regiões ruralizadas, foram alternativa no processo de povoamento e surgimento dos quilombos. A destacar o quilombo de Palmares na região de Alagoas, que foi resistência por mais de dois séculos. Para Moura (1981):

# "ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



"Não é no trabalho que se irá encontrar de forma fundamental o negro no sertão, especialmente na Bahia, Alagoas e Sergipe. O negro ali aparece como perturbador da economia, como fugitivo, como quilombola. Se estudarmos a intensidade dos quilombos no interior dessas regiões poderemos achar explicação para a relativa influência étnica e cultural do negro no sertão."

"Como vemos, duas foram as formas fundamentais de participação dos escravos na revolução de 1817: a primeira como elemento que agia por ordens do seu senhor, sem consciência, portanto, da essência, do significado da sua participação; a segunda, como elemento consciente que se rebelava contra o status em que se encontrava e que engrossava as fileiras dos insurgentes sabendo que eles tinham como objetivo extinguir a escravidão. A primeira forma de participação mostra o escravo alienado, ainda ideologicamente estruturado nos quadros institucionais que vigoravam, isto é, participando sem se transformar em elemento de negação do sistema escravista, mas, pelo contrário, através da sua obediência às ordens senhoriais, dando (paradoxalmente) substância ao regime. A outra forma de participação leva o escravo a se negar como tal – ao transformar-se em quilombola – e se inserir como elemento de negação da ordem escravista (MOURA, 1981 p. 71, grifo do autor)."

Levando em conta tais aspectos, é fato de que o processo de habitação dos sertões nordestinos se caracteriza por um complexo arcabouço cultural no que se refere a inventários, relatos, e fontes orais. Dessa maneira, a região e sua história se constituem a partir da identificação de seus habitantes, conhecer se relaciona com a produção e reprodução social e, povoamento, e miscigenação de crenças e hábitos. cultural, assim a pluralidade nordestina se relaciona diretamente aos processos de resistência

## **DESENVOLVIMENTO: Cultura negra e regionalismo Nordestino**

O Brasil enquanto colônia foi alicerçado sobre a dor de outros povos (Africanos e indígenas) e apagamento de suas culturas, línguas, religiões, costumes e afins. Assim como, antes da chegada dos colonos portugueses no litoral baiano, já havia em Pindorama vida, cultura e sociedades complexas formadas, também havia em África, milhares de sociedades com diversidade cultural, social e linguística muito antes da chegada dos colonos na costa e a



oralidade, na verdade, a palavra em si, tanto para os indígenas, quanto para os africanos tem uma potência capaz de modificar vidas.

Não à toa, existem ditados e filosofias que marcam gerações pautados no poder e potência das palavras, como a Ética da serenidade, um estudo sobre a ética no falar a partir do filósofo africano Amen-em-ope, além claro das figuras ativas fonte de sabedoria e liderança que utilizavam da palavra, da contação de histórias para organizar suas sociedades como os caciques, pajés, anciãos e griots que resistem ainda nos dias atuais em favor de suas respectivas culturas e sociedades.

Tendo em vista tal afirmação, o choque civilizatório destes tantos grupos étnicos em todo o período colonial, a linguagem também não saiu ilesa, a influência das línguas africanas e indígenas sobre o português de Portugal quase criou uma nova língua e as diferenças são tantas que a comunicação entre um português e um brasileiro pode se tornar uma tarefa muito difícil; ainda é o português, agora, com uma nova roupagem e a oralidade é a grande responsável pela difusão do português como conhecemos hoje.

Se por um lado o português como é ensinado nas escolas e enquanto norma culta possibilita uma comunicação clara entre pessoas de qualquer estado do Brasil, por outro o choque cultural linguístico entre os diversos grupos étnicos fez com que cada estado tivesse um modo único de se comunicar, de forma que, apesar de todo o território brasileiro falar a mesma língua, a comunicação entre pessoas de estados diferentes pode ser difícil já que a língua portuguesa em cada parte do Brasil foi influenciada pelos grupos étnicos de maior contingência naquele estado. A Bahia por exemplo, foi fortemente influenciada pela língua Bantu, devido ao fato de que o maior número de escravizados que chegaram ao litoral especialmente nos primeiros anos da colonização eram da região Bantu da África, posteriormente vieram também os yorubas, jeje e afins.

É necessário dizer ainda que a linguagem é também uma forma de controle, tanto que, ao tentar unificar a nação para formar a república



brasileira, o primeiro ato foi tornar o português a língua nacional e a gramática se apresentou com um caráter higienista e excludente. Além disso, no primeiro século de exploração colonial, o português era apenas mais uma das tantas línguas faladas neste território, portanto, assim como as outras era uma língua marginal pouco difundida, antes do século XIX não havia identidade nacional, linguagem comum a todos e menos ainda a figura do brasileiro.

A história nos mostra que tão importante quanto a gramática é o idioma falado. A oralidade carrega consigo as histórias e a identidade de diversos povos e é tão vasta, fluida que se diferencia em cada região do país; a oralidade é a estrutura da alfabetização, vincular este processo educacional aos fonemas, o sotaque, as palavras e gírias próprias de cada região permite que aqueles que estão a ser alfabetizados, independentemente da idade consigam assimilar melhor o que está sendo ensinado.

## **ORALIDADE E EDUCAÇÃO POPULAR**

A produção literária brasileira no que se refere ao Nordeste, é caracterizada por uma pluralidade de formas desde a escrita a oralidade. Dessa maneira, a literatura oral tem impacto direto no processo formativo das crianças, sendo assim meio pedagógico de mostrar ao indivíduo a sua cultura social, instruindo-o assim a partir da sua própria realidade. Nesse contexto, a associação entre as realidades culturais vigentes junto a prática educacional, se diluem no ideário da educação popular, Palumbo (1994) afirma:

“A Educação Popular é veiculada ao ato de educar, a uma multiplicidade de ações ou práticas educativas plurais, com diferentes características, e bastante diversas, orientadas, entretanto, por uma intencionalidade transformadora. Como teoria, a Educação Popular é resgatada como uma pedagogia, como Teoria da Educação, que sempre está em processo de revisão, de (re)elaboração e que se alimenta da reflexão sobre o ato de educar, visando (re)orientá-lo (PALUMBO, 1994, p. 23).”



Assim, a educação popular tem papel relevante, na valorização de ideias como o regionalismo, ultrapassando o ponto de vista apenas antropológico, no que se refere a hábitos e crenças. Mas essa se redige como movimento social, analisando as lutas históricas, e contradições que caracterizam a construção do país. Dessa maneira, tendo em vista a contextualização histórica evidenciada neste estudo, a educação popular se relaciona diretamente com a dialética entre a cultura popular e emancipação dos indivíduos. Assim Prado Junior (1966) evidencia que a efetivação de tal ideal de educação deve ser algo "[...] efetivamente prático na condução dos fatos, será a interpretação da conjuntura presente e do processo histórico de que resulta. Processo esse que, na sua projeção futura dará cabal respostas às questões pendentes".

Por conseguinte, Patativa do Assaré (1956) revela que, "escrita é marcada pela oralidade", destacando assim em suas produções literárias, uma aproximação entre a oralidade e a escrita, evidenciando as relações sociais, economia, ausência de políticas públicas, por meio de testemunhas orais. Tais narrativas se refletem no que se compreende como herança cultural, ou seja são "vestígios" sociais, que remetem os indivíduos a recordações diversas. Para Santos a cultura se relaciona a "[...] a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então, de grupos no interior de uma sociedade".

Assim, a cultura se relaciona ao desenvolvimento de uma comunidade, visando a conservação e "refinamento" de aspectos como hábitos, crenças, e valores que são passados de maneira geracional. Em contraponto ao ideário da cultura popular, a cultura hegemônica e eurocentrada que caracteriza o processo de construção do país, contribuiu diretamente para um apagamento do "popular". Além disso, no que se refere a participação do negro na produção cultural do país em destaque a região nordeste, o processo de povoamento concretizou uma pluralidade de hábitos, destacados desde os primórdios da nação brasileira até a



contemporaneidade.

Primeiramente é importante enfatizar que a literatura oral e as narrativas, proporcionam uma autonomia linguística, compreendendo estruturas de fácil assimilação, como as rezas, rodas, histórias e cantigas. Sendo compostas pela variedade cultural remanescente do desenvolvimento do país, indígenas, portugueses, e africanos. Estes possuíam de maneira individual, cantos, danças, histórias, mitos. A cultural oral se manifesta pelo povo. Com base em tal afirmação, é importante entender a oralidade como um campo movediço, ou seja, que se encontra em constante transformação, de maneira que as contações, dependendo do agente, se caracteriza por um ideal de versatilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, ao relacionar literatura, oralidade, cultura popular, é possível compreender de maneira clara, tais impactos do meio no processo de aprendizagem de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Assim, a variabilidade cultural que caracteriza a construção da nação, deve ser cotidianamente legitimada no ambiente escolar. Tendo em vista os ideais de Freire, e a implementação de uma educação emancipatória, aproximar os discentes de sua ancestralidade é ponto de partida para a construção de um conhecimento que ultrapassa o acadêmico, e se dilui no social. Incitar o reconhecimento do sujeito e sua ação histórica dentro dos variados contextos, é de fato contribuir para um processo educacional crítico.

## **REFERÊNCIAS**

PALUMBO, D. J. Public policy in America: government in action. 2. ed. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1994. p. 8-29.

MOURA, Clóvis. Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo. Afro-Ásia, 14 - 1983.